

INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.

Redacção e administração—Rua de S. Thimo 14 e 16

Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.



Condições d'assignatura

Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.

Publicações—Anuncios e comunicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

GUIMARÃES, 29 DE MARÇO DE 1903.

O CONTENTAMENTO DO PAIZ

O snr. Hintze Ribeiro, declarou nas Camaras, ainda não vae ha muito, que o paiz estava contente com o governo.

A hypocrisia e a mentira que existiam na affirmação cathorica do sr. presidente de conselho immediatamente se manifestaram com uma evidencia que era impossivel ser maior.

O paiz está contente com o governo—e a cidade de Coimbra ergue-se, n'um protesto enurgico de milhares de vozes e milhares de braços, contra as extorsões vexatorias dos fiscaes do sello—quadri-lha faminta e insaciavel, que o governo inventou, que a lei auctorisa, que a força armada protege.

O paiz está contente com o governo e o povo cançado protesta rudemente contra a exploração de que é, ha muitos annos, a victima inerte e pacifica.

O paiz está contente com o governo—e os homens mais estados do seu partido abandonam o governo declarando-lhe ruidosamente uma guerra sem treguas.

O paiz está contente com o governo—e o governo, depois da sua ultima recomposição, é recebido nas camaras em meio de um tumulto indescriptivel.

O paiz está contente com o governo—e quasi todos os dias ha jornaes que se queixam de ser apprehendidos por dizerem ao governo uma pequena parcella d'aquillo que o governo merece.

O snr. Hintze Ribeiro disse:—O paiz está contente com o governo! mas para ser justo e verdadeiro s. ex.^a devia ter dito:—O paiz está contente com o governo porque a isso o obrigo e constranjo.

Sim, porque para que o paiz se mostre contente com o governo é necessario que a força das bayonetas lhe traga

a convicção de que na verdade, o governo é o melhor e o mais benefico possivel. Para que o paiz permaneça contente com o governo é preciso que o sangue do povo corra abundantemente pelas ruas, é preciso que os gritos de protesto sejam cortados na garganta por ballas ou abafados no peito pelas patas dos cavallos.

Sim, porque para que o paiz se mostre contente é necessario que o governo faça perder em meio dos indecorosos tumultos da maioria a voz dos que nas camaras pretendem dizer ao governo a enormidade dos seus crimes e a gravidade dos seus attentados.

Sim, porque para que o paiz se mostre contente com o governo é necessario recorrer a infracções da lei que façam calar a imprensa quando esta não diz AMEN a todas as patifarias governamentais.

Depois que a ordem assim se restabelece, depois que o sangue é lavado nas calçadas, tapados a cal os buracos que as ballas deixaram nos predios e enterrados os que morreram no cumprimento d'um dever sagrado, que é o de protestar contra todos os abusos e todas as tyrannias, depois que os tumultos parlamentares serenam e que a imprensa succumbe a repetidos assaltos, o sr. presidente do conselho dá um puxão á sobrecasaca e, mais hirto e funebre que um archote d'enterro, declara á camara e ao mundo, entre applausos freneticos da maioria dementada, que o paiz está socegado, e contente com o governo, como um pae com um filho muito-amado que o ampara e sustenta.

Feitas estas declarações o sr. Hintze Ribeiro, não cuida mais do assumpto. O povo tem fome? continuará a tel-a; o paiz está sobrecarregado de impostos? tel-os ha cada vez maiores.

A minoria esbraveja? que importa isso ao governo? Os jornaes não podem circular? tanto melhor. O sr. Hintze Ribeiro, reina como senhor absoluto. Pensar dá-lhe trabalho; por isso não pensa. Mas para não ficar em segunda

plana prohibe que os outros pensem por elle. De quando em quando leva papéis á assignatura regia. São nomeações d'amigos e compadres, d'aquelles que hão de viciar as eleições a seu favor, e comprar-lhe os precisos votos. De resto não faz mais nada bem vencido de que esta vida como vulgarmente se diz, são apenas dois dias e o mal é de quem se afflige que pode morrer cedo.

Este estado de coisas hade porem ter fim um dia que infelizmente (ou talvez felizmente?) sob o apparente contentamento, que o sr. Hintze Ribeiro folga de constatar e apregoar aos quatro ventos, ha um fermento de revolta que vae, de vagar é certo, mas vae preparando o advento d'uma era nova em que o paiz não tenha sobre si o pezo da vontade de uns tyrannos sem ideias, sem sentimentos, sem criterio e sem um fim que não seja o de servir os seus interesses e os interesses dos seus partidos e dos seus amigos.

A reacção é inevitavel e será tanto maior quanto mais apertado, mais injusto e mais despotico tiver sido o governo.

E'uma lei de physica que se applica com razão ás sociedades.

Não ha que fiar em apparencias. A's vezes onde o mar parece mais calmo e mais socegado, uma grande corrente, o agita abaixo da superficie.

Sob a facil serenidade do povo quasi nunca alterada e sempre restabelecida em breve espaço de tempo, occultase um vulcão que explodirá um dia com inaudita violencia.

N'essa hora de vingança não ficará á beira das estradas uma figueira vasia por que todas o povo achará poucas para castigar os Judas, os vendidos, aquelles que trahiram o seu paiz desrespeitando as leis, abusando da paciencia popular, enxovalhando o regimen implantado á custa de muitos esforços e muitos sacrificios.

PLENA NUDEZ

Eu amo os gregos typos da escultura; Fagans nhas no marmore entalhadas; Não essas creações que a estufa escura Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura Os corpos nús, as linhas onduladas Livres, da carne exuberante e pura Todas as saliencias destacadas

Não quero a Venus opulenta e bella De luxuriantes formas entrevel-a De transparente tunica atravez:

Quero vela sem pejos sem receios, Os braços nús, o dorso nús, os seios Nús... toda núa da cabeça aos pés.

Raymundo Corrêa
Poeta Brasileiro

Parabens

Desde hoje até ao dia 5 d'abril fazem annos:

As Ex.^{mas} Snr.^{as}

- Dia 30—D. Joaquina Carolina de Castro Novaes;
- » 3—D. Maria de Jesus Leite da Silva Paul;
- » 4—D. Luiza Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride);
- » »—D. Constança Victoria d'Abreu Lima (Paço-Vedro);
- » »—D. Violante de Barros.

E os snrs:

- Dia 1—Antonio José da Silva Basto;
- » 4—Rodrigo Augusto de Souza Queiroz.

Tambem faz 94 annos no proximo dia 31 do corrente a ex.^{ma} snr.^a D. Maria José Lopes Pedrosa, sogra dos snrs. drs. Joaquim Lopes d'Oliveira e Alfredo Augusto de Mattos Chaves.

CORREIO DAS SALAS

Vimos n'esta cidade no ultimo domingo as ex.^{mas} snr.^{as} Viscondessa do Faço de Nespereira e D. Anna Pinheiro de Mello, filha do sr. Conde d'Arroso.

Esteve ha dias no Porto o nosso prezado amigo sr. José Ribeiro Martins da Costa.

Chegou a esta cidade na terça-feira á noite o sr. João Gomes de Abreu e Lima (Paço-Vedro), muito digno recbedor na comarca de Ponte do Lima.

Tambem aqui esteve no dia 19 do corrente, o sr. Augusto Alves Novaes, digno amanuense do Instituto Industrial e Commercial do Porto.

De Guimarães regressou á sua casa de Rande, em Felgueiras, a ex.^{ma} snr.^a D. Carolina Gonçalves de Mendonça, esposa do sr. dr. Antonio de Barbosa Mendonça, deputado da nação.

Tambem d'esta cidade se ausentou para a sua casa da Torre, em Felgueiras, a ex.^{ma} snr.^a D. Margarida Pavão, esposa do sr. Leopoldo Pimentel e cunhada do meretissimo juiz de direito d'esta comarca.

Vindo do Porto encontra-se entre nós com sua ex.^{ma} esposa na sua Quinta do Campo, o sr. Commendador André Avelino Lopes Guimarães.

Com seu thio o sr. João Pedro da Silva Bourbon, capitão d'engenharia, parte amanhã para Lisboa a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Amelia Peixoto Bourbon (Lindoso).

De Lisboa regressaram a esta cidade os snrs. Antonio Augusto d'Almeida Ferreira e Joaquim da Silva Martins.

Esteve ha dias entre nós o sr. dr. Ayres de Souza Macedo Chaves, estimado medico da visinha cidade de Braga.

Esteve ha dias em Braga, mas já regressou ao Porto, o sr. Visconde de Guilhomi, ajudante do procurador regio junto da Relação d'aquella cidade.

Tem guardado o leito per motivo de doença, mas vae melhor, o nosso estimado amigo sr. José Maria Martins Ferreira.

Fazemos votos para que depressa se restabeleça.

Ainda não está de todo restabelecido dos seus incommodos o sr. dr. João Barbosa de Magalhães Mendonça, intelligente advogado no fóro vimaranense.

Vimos em Guimarães, na passada quarta-feira o sr. dr. José Rebello Barbosa, da Casa do Burgo, em Negrellos.

Estão entre nós os snrs. drs. Francisco José da Silva Basto e Alvaro José da Silva Basto, lentes cathedricos da Universidade de Coimbra.

Chegou ha dias a esta cidade e segue amanhã para Lisboa com sua ex.^{ma} esposa o sr. dr. José Maria de Moraes Sarmento, meretissimo Juiz de Direito na comarca de Macedo de Cavalleiros.

De Lisboa regressou a Coimbra o sr. dr. Manoel Dias da Silva, digno presidente da Camara Municipal de Coimbra e Lente da Faculdade de Direito.

Do Porto, onde foi assistir ao casamento de seu irmão, ausentou-se para Lisboa o distincto litterato sr. Carlos Melheiro Dias, deputado da nação.

Vae melhor dos seus incommodos o abastado capitalista sr. José Alves d'Oliveira Bastos, presidente do conselho fiscal da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães.

De Lisboa, onde gozou a licença de 30 dias que lhe foi concedida, regressou a Albufeira, o nosso estimado conterraneo, sr. dr. João Ferreira da Silva Guimarães, meretissimo juiz de direito n'aquella comarca.

Encontra-se em Lisboa, com sua ex.^{ma} esposa o sr. José da Silva Guimarães, estimado negociante d'esta praça.

Para a Beira, (Africa Oriental), deve seguir brevemente o sr. Luiz de Nerunha, filho do sr. General Noronha.

QUESTÃO DE LANA CAPRINA

O Harpagon de Molière, quando lhe falta o idolatrado thesouro, procura allucinadamente o roubador e acaba por a si mesmo se prender num accesso de terrível delirio.

Espectaculo igual, a um tempo tragico e ridiculo, proporciona o articulista do «J. de G.» com o derradeiro artigo, em que, de mentado, nos persegue aqui e alem em pontos onde não estivemos, em coisas que nunca avançamos, e a si proprio agarra e sustem, quando, já exaustado de forças, julga ter-nos preso e segurado.

Presumiamos que o articulista do «J. de G.» cahisse, porque a sua causa era insustentavel e pouco segura a sua posição; mas esperavamos a queda nebre de um soldado que no campo de batalha tomba em frente do inimigo, e não o escabujar vergonhoso de um desertor ferido, que se arrastou para fora do campo e agonisa na estrada por onde fugia.

Apossa-se de nós a piedade, uma parcella d'aquella piedade, tamanha e tão completa, que Francisco d'Assis sentiu por tudo o que sahira das mãos do creador, vil ou nobre, grande ou pequeno, bruto ou animado. Sentimos que era melhor e mais christão deixá-lo morrer sem lhe perturbar o ultimo estertor, e assim fariamos se a impunidade d'este atrevimento não podesse gerar, da parte d'outros, novos atrevimentos, quem sabe se peores e mais prejudiciaes.

Segundo narra Plinio, L. VIII, cap. XVIII, os cartaginezes não se davam por satisfeitos com matar os leões que os perseguiam, mas ainda os issavam em cruces ao longo dos caminhos para escarmenta dos outros. Fazamos como elles; ergamos o articulista do «J. de G.» na cruz que para nós preparára, já que a cruz não é só supplicio glorioso de Christo, mas é tambem patibulo de feras e de escravos.

Arriba!

A refutação das explicações dadas ao sr. abb. de Tagilde que faz o articulista do «J. de G.» é dominada por um pensamento proprio de cabeça, tão cheia de manhas e ardeirices.

Estalla-se elle a dizer e repetir que os bachareis tiveram um cyreneu, que o cyreneu teve um monitor, que foi o monitor quem ditou e o cyreneu quem escreveu a resposta dos bachareis. Parece aquella historia, para creanças, do rato que roeu o sebo que unta o cordel que prende na buca que leva o vinho á Ribeira Mota; mas não passa de uma mentira e uma descompassada tolice.

Quem escreve estas linhas, e quem escreveu as outras que motivaram tão gratuita affirmativa, não pedia conselhos para o seu trabalho, porque podia dispensal-os em materia tão elemental e comestinha.

Quem escreve estas linhas, redactor do «Independente» desde o começo, não se offendeu com a infamante supposição, porque as injurias se aceitam como de quem vêm, mas sente que o articulista do «J. de G.», reprobanda ha bem pouco as referencias pessoais, achando-as desleaes e só proprias de quem se não pode sahir airoosamente, use agora d'ellas, quando se vê na triste necessidade de lançar poeira aos olhos de tres ou quatro pessoas que ainda se atrevem a ler-nos, a elle e a nós. Que im-

porta que seja fulano ou sicrano quem escreve des que appareça no «Independente» era como hontem parecia eadid o articulista do «J. de G.», mas não é como hoje cuida, porque o seu pensar varia á mercê das necessidades e das conveniencias.

Quem escreve estas linhas é chamado de cyreneu porque, como Simão de Cyrene, que levou a cruz de Christo, arrastou, diz o articulista do «J. de G.», a cruz dos bachareis. Tinham então estes uma cruz? Tinham, porque todos a temos. Christo disse: *Qui non bajulat crucem suam, et non venit post me, non potest meus esse discipulus* (Luc. XIV, 27). Existe pois um cyreneu que é quem isto escreve, e uma cruz que são estes artigos; deve tambem encontrar-se um Christo, e esse só pode ser o bacharel que (diz elle) deixou de escrever. Assim, o articulista do «J. de G.» com os seus tolos e irreflectidos símiles comparou Jesus a um bacharel, a quem tratou de «chapadissimo ignorante». E' isto de um christão, é isto de um catholico, é isto de um padre, é isto de um zeloso?

Respondam os tres leitores que de um e outro lado tem seguido esta questão; mas por nossa parte cremos que se isto não é symptoma de «cabeça absolutamente vasia de tin» é indicio certo de accumulção tal de massa encephalica que não deixa fazerem-se normalmente as articulações das neuronas. Encontram-se d'estes lamentaveis excessos!

Diz o articulista do «J. de G.» que insultamos o sr. abb. de Tagilde; e, para proval-o, allega o termos dito que o redactor do «J. de G.» «dotado de mediana intelligencia não carecia das explicações» que fomos dar ao rev. abb., tornando-o assim suspeito de ter intelligencia menos que mediana. Ora, se nós prestamos alguns esclarecimentos ao nosso amigo, foi suppondo que elle conhecia imperfeitamente a questão; e o seu silencio de agora mostra bem que nos não enganamos. De mais tanto não era intenção nossa offendê-lo que, fazendo justiça, o dissemos honesto, digno, intelligente, respeitavel, imparcial e franco. Mas o «J. de G.» diz o contrario e faz bem pois que *cum loquitur mendacium, ex propriis loquitur, quia mendax est, et pater ejus* (Joan. VIII, 44) quando diz a mentira, falla do que lhe é proprio, porque é mentiroso e pae da mentira.

Porque escrevemos que «o sr. abbadede Tagilde, mudamente, no interior do seu coração, tinha reprovado, baixando a cabeça contracta; entende elle que haviamos dito que o rev. abb. tinha a cabeça no coração, como se elle não pudesse reprovar *in corde suo, inclinato capite* ao mesmo tempo. Quem tem a cabeça, não dentro do coração, mas fóra do seu lugar, como costuma dizer-se, sabemos nós; é o articulista do «J. de G.» transtornando o sentido ao que escrevemos.

Porque escrevemos «o proprio sr. abb. de Tagilde baixando a cabeça não perturbára o geral mutismo que nos impressionou»; accusa-nos de censura o sr. abb. e mais ecclesiasticos que assistiram á conferencia porque (diz elle) o mutismo não nos impressionaria se não fóra contrario ao procedimento que nos parecia correcto. Vê-se que elle só per-

cebe «impressionar» no sentido de «causar extraneza» (vae o «z» em homenagem ao Constancio) quando é certo que tambem significa «tornar-se sensível» e foi n'esta acceção que o empregamos.

Porque, para provar que quem sabe de um herexe tem obrigação de denunciá-lo, allegassemos um texto do Scavini; diz elle pretendemos que os leitores julgassem os ecclesiasticos que assistiram á conferencia desrespeitados das leis da Igreja. E' mentira. Citamos o Scavini para mostrar que as heresias do dr. A. de Castro não existiram, aliás os ecclesiasticos, que sabemos dignos e cumpridores dos seus deveres, o teriam denunciado, como o theologo quer.

Mas o articulista do «J. de G.» parece estar a dizer-nos que a opinião de um doctor não constitue obrigação para ninguém. E' verdade, e por isso lhe recordamos isto: *Quamvis evideriter tibi constet Petrum esse haereticum, non teneris denunciare, si probare non possis. Damnatae Propositiones damnatae ab Alexandro Papa VII.*

Porque escrevemos «o publico não precisa d'ellas (explicações) porque jamais alguém conseguiu convencer o publico»; diz o articulista do «J. de G.» que tratamos o publico de estúpido e entendemos escusadas as doutrinas da Imprensa, escrevendo apenas para apunhar os olhos (vae de calão) dos assignantes. Nós tinhamos escripto; «o publico não precisa d'ellas (explicações) porque jamais ninguém conseguiu convencer o publico. Em disputas jornalisticas cada um dos contendores tem adeptos e adversarios no começo da luta e quando deixa a pena encontra ainda os mesmos, etc.» Isto quer dizer coisa diversa e mau proceder foi o do «J. de G.» struocando a nossa passagem para servir aos seus reles intentos.

Porque escrevemos «quasi todos temos nervos que um choque faz vibrar... Quem não possui nervos excitaveis não é homem, não chega a ser um animal...» pergunta quem são os sujeitos abrangidos no quasi todos. Faz bem; mas nós bem faziamos se lhe não respondessemos, porque elle deixou sem resposta coisa semelhante. No «quasi todos» estão os seres vivos—*omnis animae vivens*, exceptuando-se quem já se exceptuava do «quasi todos respeitabilissimos»; o articulista do «J. de G.» que até agora fingia uma calma incompativel com a existencia de nervos.

Porque chamamos carta ao artigo do *Leitor* elle corre assodado para dizer:—Não é, não senhor! Ninharia sem importancia. Não quer que seja carta, seja missiva, de *missus*, enviado. Está contente?

Sobre as pretensas heresias o «J. de G.» estabelece uma deploravel confusão. Se elle quizesse ver claramente notava que o dr. A. de Castro vindo a Guimarães fazer uma conferencia e produzindo n'ella certo numero de affirmativas, podia errar mas nunca incorrer em heresia. Sómente defendendo as suas proposições depois de evidentemente se lhe mostrar a sua falsidade, poderia cahir n'esse peccado. E' o que se vê

nos tratadistas já apontados: Gury, Conillati, Larraga e em todos os outros que sobre a materia escreveram. Para que o «J. de G.» se convença bem d'isto citamos lhe apenas mais cinco auctores, que todos o affirmam e mutuamente se confirmam.

Haeresis, est voluntarius error contra aliquam Fidei veritatem, cum pertinacia in eo, qui Christianismum profitetur. (G. Antoine). *Haeresis, est error intellectus liber et pertinax, contra fidem, in eo, qui fidem suscepit.* (Busembaum). *Haeresis est error cum pertinacia circa fidem in eo, qui eam suscepit.* (Mazzoni). *Haeresis est error voluntarius et pertinax contra aliquam doctrinam, et veritatem Fidei Christianae in eo qui fidem recepit.* (Paulus Hieronymus a S. Helena). *Haeresis est error hominis Christiani, in rebus fidei cum pertinacia ex parte contraria.* (Ch. d'Aguirre).

Por nossa vez, podiamos ser chamados de hereses se dissessemos que a Biblia era falsa, que Christo não era Deus, que não existia vida eterna, mas nenhuma d'estas coisas dissemos. O que fizemos foi mostrar que essas hereticas affirmações não se concluíam das palavras do illustre conferente. Chamou a isto o «J. de G.» pertinacia no erro. E' desconhecer o que seja pertinacia e ignorar em que consiste o erro.

Quanto á maneira de comprehendemos a phrase: «a natureza é unica Biblia verdadeira» explicamos sufficientemente da outra vez, adduzindo as opiniões do Padre Antonio Vieira e Tertuliano.

A accusação, que nos faz o articulista do «J. de G.», de haveremos rebafado a Escripura Sagrada á plana dos conhecimentos naturaes não colhe, porque dissemos claramente que sabiamos ter sido ella escripta sob inspiração divina.

Quanto ao «foi na contemplação da vida que se fez Deus» dissemos que por estas palavras o orador quiz affirmar que Christo se manifestou verdadeiramente Deus, para os que o cercavam, pela sua alta comprehensão da vida.

O articulista do «J. de G.» diz que não, mas nós reparando que o Evangelista S. João escreveu: *Verbum caro factum est*—O Verbo fez-se carne, para exprimir que elle se uniu pessoalmente á carne, continuamos na nossa; pois que se o «foz-se» pode significar «uniu-se», tambem pode dizer «manifestou-se».

O articulista do «J. de G.» certamente não combate esta interpretação do texto de S. João. Tomadas as palavras ao pé da letra diziam que o Verbo se transformou em carne, ou o que vale o mesmo se fez creatura, o que é incorrer no erro dos ebionitas, ecerinthianos, theodocianos, artemoniamos, samosatianos e sobretudo arianos que negavam que o Verbo fosse *omninois* com o Padre.

Escrevemos que a lei de Lavoisier, ou da conservação da materia, não vinha no Syllabus. Dissemos uma verdade; mas o articulista do «J. de G.» apostado em embullhar tudo, diz que a ignorancia é atrevida e cita o paragrapho primeiro do Syllabus onde vem a condemnação do pantheismo e do racionalismo, que nada tem com Lavoisier e a sua lei, uma das bases da chimica. Cá vamos apontar á margem o abstruso accres-

cimo; mas notaremos tambem que foi o articulista do «J. de G.» quem n'ê disse.

Concordando em que «o budhismo é a mais nebre philosophia que tem inspirado espiritos humanos» não o preferimos ao christianismo, porque entendemos que este, sendo religião divina, tem o seu lugar n'outra parte. Quanto aos ensinamentos de Cakin-Muni, eram tão elevados e tão puros que só os de Christo lhe ficam superiores.

Quanto ao «nunca colonismos» era evidente que ninguém podia dizê-lo se não tivesse significação diversa da que o *Leitor* e articulista do «J. de G.» lhe pretendem dar. Todos sabem que nunca fomos um paiz colonizador e que as nossas possessões ultramarinas da Asia e da Africa, nunca foram aquillo que verdadeiramente mereço o nome de colonias—establicimentos reflectindo de uma maneira duradoura a imagem da mãe patria. O articulista deve saber isto, mas finge ignorá-lo. Poupamol-o a uma dissertação que facilmente lhe podiamos aqui fazer sobre colonias, feitorias e fazendas, recheada de citações de Cauwrés, Leroy-Beaulieu, Marcel Dubois, Oliveira Martins e outros.

Entende o articulista do «J. de G.» que pode considerar-se desligado da obrigação de contar aos leitores a historia, que elle disse saber, dos motivos que nos levaram a defender o sr. dr. A. de Castro, pelo simples facto de haver reconhecido «que da projectada historia podia resultar desgosto para pessoas que o não mereciam».

D'aqui se infere que existe uma historia simplesmente «projectada» e que do projecto se vê poder a historia desgostar pessoas que o não merecem.

Se alguém amanhã disser que determinado individuo é um patife e se recusar a contar, com provas, a patifaria, sob pretexto de ir molestar terceira pessoa não terá aquelle o direito de um serio desgosto?

Parece-nos que sim, porque tal procedimento não é só a «falta do nobre apramo, que em tudo gostamos de ver» mas uma infamia, uma indignidade.

Nós porem, os descarados, os impudentes, os hypocritas, os injustos, os sandedos, os calumniadores, os orgulhosos estúpidos, os chapadissimos ignorantes, (que tudo isto mais ou menos directamente, nos chama o articulista do «J. de G.» que n'outro ponto ainda, nos chama desbocados) perdamos porque Christo manda que uns aos outros nos amemos, e amemos até os nossos inimigos. Amal-o-hemos tambem, e dir-lhe-hemos que o não supponnos tão máo que inventasse a historia *promethida* (não isso que queria dizer o *projectado*)? De certo ouviu qualquer coisa não verdadeira, mas que verdadeira se lhe afigurou em principio. Agora reconhecendo a sua falsidade não a quer narrar. Faz bem, mas devia dizer sinceramente que a não contava porque não era verdadeira, em lugar de recorrer a subterfugios que são o ponto mais vergonhoso da sua resposta. Não conta, porque pode desgostar pessoas que o não merecem!!... *Quid ad nós? Tu videris.* (Math. 27, 4).

A' entrada d'este paragrapho é bom, como á entrada de certas quintas onde escrevem—Ratoeira, pôr, bem visível, a palavra—Soporifero. Assim prevenido, quem qui-

HOTEL SUL-AMERICANO

RUA DO DR. ABILIO TORRES

VIZELLA

GERENTE—APPOLLINO DA COSTA CALDAS
(ANTIGO GERENTE DO HOTEL DO PADRE)

Abre na proxima epocha balnear este magnifico Hotel, situado no melhor local das Caldas de Vizella, proximo ao estabelecimento thermal, tendo boas salas para familias e quartos espaçosos e hygienicos. SERVIÇO DE MEZA DE PRIMEIRA ORDEM

zer, olha por alto e toma o parographo seguinte.

Diz o articulista do «J. de G.» que escrevemos com ruim orthographia e muitos estrangeirismos. Elle descobria, com facilidade, gallicismos e anglicismos; mas se leva por diante a investigação era capaz de topar com lapsonismos e hontentismos; que tudo se encontra, ponto é existir vontade. Faz lembrar aquelle astronomo que descobriu um jardim habitado na lua e só tarde reparou que era apenas o de sua casa porque o apparelho se mechera da devida posição.

Camillo disse algures a um cœntendôr: *A orthographia preoccupa-o e desvaira-o. Vê-se que o padre a tem correcta; mas isso não lhe dá direito a causticar a gente.* O articulista do «J. de G.» devia meditar isto.

Está allí o conctricto com «c» a fazer-lhe cocegas; e nós fomos encontral-o assim numa livro que ha poucos annos o sr. conego J. M. Gomes aconselhou aos alumnos do Lyceu, — o dictionario de Ramalho e J. de Deus. Bem sabemos que nestas questões deve ser guia o Constanceio e não outro; mas, que diabo! J. de Deus representa tambem uma opinião embora não haja «c» no latim de onde conctricto se deriva.

Vem a seguir o «choque» que elle accusa de gallicismo no sentido em que o tomamos. O Cardeal Saraiva affirma que em Portuguez *chocar* é dar uma bola na outra no jogo da *choca* e d'ahi por analogia se diz por ex. *chocar os navios*. Ora, se assim é, nós escrevendo «choçar os nervos», porque estes se podem excitar mechanicamente, fizemos bem.

Depois chega o «destacar» que segundo elle, e, valha a verdade, segundo tambem C. de Figueiredo e Fr. F. de S. Luiz, só é applicavel á milicia; mas quem folhear o Moraes encontra «destacar» em outras accepções que não aquella e portanto o articulista do «J. de G.» fez mal em querer deitar gracejo a proposito d'isto.

Por ultimo apparece a «descoberta». E' gallicismo, não ha duvida; mas nós entramos a usal-o des que vimos isto: *... anteriormente ao descobrimento e colonização pelo portuguez em 1498—20. Cuidava em que a authenticidade d'esta descoberta ingleza...* (Camillo Sentimentalismo e historia).

Porém o padre teve a fortuna de focar com sollicito facinho um y a pag. 5; e feita a ditosa descoberta... Idem, Bohemia do Espirito.)

Ora, nós preferimos errar com Camillo a dizer bem com o articulista do «J. de G.». Ha companhias que para nada servem. Lembra-se d'aquella que até para o Ceu se rejeita.

Não sabiamos nós que a aguia altiva do «J. de G.» pairando nas regiões supremas das theologias, moral e dogmatica, desceria muito abaixo, a apanhar moscas com a paciencia meticolosa de um passarinho. Não sabiamos nós que esta Ruth masculina, andava no respirgo dos grãos esquecidos; senão como Booz que mandou deixar propositadamente espigas no campo lhe abandonariamos tambem farta colheita de ninharias em que se repastasse.

Padre, vamos agora fallar-lhe com o coração nas mãos. Temos sido sinceros; calar não é mentir. Mas talvez não tenhamos sido completos; temos calado alguma coisa.

Padre, estamos prestando um grande desserviço á Religião com a nossa lucta; temos dado escandalo, e Jesus disse que deviamos arrancar de nós a parte que escandalisa.

Padre, temos dado escandalo e por culpa sua; quem alem do sr. abb. de Tagilde que baixou a cabeça, reparara nos erros (?) do dr. A. de Castro, antes do artigo do *Leitor*?

Padre, tinham esses erros (?) desmoralizado alguém, afastado alguém do bom caminho? Parecemos que não, e se passara mais de um mez sem nada se dizer, não teria sido melhor deixar correr sobre elles a eternidade?

Padre, travamos uma lucta que não é disputa; é concurso. Cada um de nós quer ser julgado melhor christão que o outro. Padre, cabimos em peccado de soberbia!

Padre, o tempo é de confissões, façamos confissão. Temos desperdiçado o nosso tempo.

Padre, lembramos-lhe aquella historia ingleza de dois cavalleiros andantes que, no caminho, se encontraram junto de uma estatueta de Minerva com sua lança e egide. Erum ambos robustos, ambos decididos. Um disse que o escudo da Deusa era d'ouro; o outro affirmou que era de prata. Travararam-se de razões, e a breve trecho agonisavam estirados. Então, já tarde, reconheceram que o escudo por diante era d'ouro, como dizia o que pela frente viera, e de pra-

ta por traz, como dizia o que chegara por esse lado.

Padre, o nosso caso é assim! Se o sr. tivesse visto o discurso como uma conferencia, e não como um sermão, não tinha dito aquillo. Nós se olhassemos o artigo do *Leitor*, como de aprendiz d'apostolo e não de jornalista, não nos teriamos indignado.

Padre, o tempo é de penitencia, façamos penitencia!

Padre, aturamos-nos um ao outro; tivemos paciencia! Ser paciente é uma grande virtude. Que Deus leve isso em conta, quando nos julgar!

GAZETILHA

(A musica nova)

Gostei da musica nova, Achei as fardas bonitas, Ninguem ha que não se mova A ver fardas tlo catitas!

Gostei tanto, tanto, tanto, Que apezar de velho e rombo P'ra mim seria um encanto Vestir farda e tocar bombo...

Com franqueza não é mau Entre instrumentos diversos Tocar bombo ou berimbau... E' melhor que fazer versos...

I. Grego.

NOTICIARIO

Assemblea Vimaranesense

Na proxima segunda-feira de Paschoa, 13 d'abril, realisa-se uma esoiroez, nos salões da Assemblea Vimaranesense, promovida pela distincta direcção d'aquella casa de recreio.

Club Commercial

Consta-nos que um sympathico grupo de amadores de musica, d'esta cidade, executará, no proximo mez d'abril, alguns trechos musicaes no salão nobre do Club Commercial Vimaranesense.

Capella de Santa Luzia

Foi superiormente approvada pelo ministerio do reino, a deliberação da Camara Municipal d'esta cidade referente á troca da Capella de Santa Luzia, pela que se encontra dentro do antigo cemiterio, denominado Campo Santo, para a qual brevemente será transferida a imagem de Santa Luzia.

Sermão do Pretorio

Por ter acceitado o convite que para esse fim lhe foi feito pela meza da Irmandade do Senhor dos Passos, em Santo Thyrsso, vae hoje a esta villa pregar o sermão do Pretorio, por occasião da sahida da procissão dos Passos, o conceituado orador sagrado rev. padre Gaspar Roziz, digno commissario da V. O. Terceira de S. Francisco, d'esta cidade.

Noticias militares

Foram mandadas recolher 100 praças d'infanteria 20 para receberem instrucção de tiro.

O ministerio da guerra concedeu autorisação para que toda a força disponivel d'infanteria 20, acompanhe a procissão de Passos, que hoje tem lugar, com a respectiva banda de musica.

Vem brevemente responder em conselho de disciplina no quartel d'infanteria 20, um soldado do 3.º batalhão, accusado de furto.

Deve começar no dia 2 do proximo mez d'abril, na carreira de tiro de Lamego, a instrucção de tiro ás praças do regimento d'infanteria 20. Para esse fim vae d'aqui o 1.º contingente, composto de 50 praças, no dia 31 do corrente para aquella cidade.

Theatro Lisbonense

Este theatro que tem merecido a attenção do nosso publico, leva hoje á scena a peça em 5 actos — As duas Crphãs.

Notas falsas

Ao norte do paiz continuam a apparecer com abundancia notas falsas de 5000 réis do ultimo typo. A reproducção é perfeitissima de forma que difficilmente podem distinguir-se das verdadeiras.

Só o papel é que possui menos consistencia e a marca d'agua differa alguma coisa mas essas differenças são tão illusorias que n'uma transacção commercial torna-se impossivel a sua regeição no acto da cobrança.

E' pois indispensavel que o Banco de Portugal, sabedor d'esta contrafacção, faça recolher sem demora o typo actual das notas de 5000 réis, substituindo-o por outro mais perfeito, sem complicações d'arabescos que facilitam as falsificações.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, julgam ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram assistir aos responsos de sepultura que, por alma de sua falecida irmã, tia e cunhada Maria da Conceição Ferreira Cardoso, se resaram na igreja de S. Francisco, no dia 1.º do corrente, bem como a todos que lhes manifestaram o seu sentimento, em tão dolcrosos transe. Como, porem, possa ter havido qualquer falta vem por este meio significar que foi involuntaria, protestando a todos o seu reconhecimento. Guimarães, 27 de março de 1903.

Maria Rosa Ferreira Cardoso e Faria
Maria d'Oliveira Ferreira Cardoso e Pinheiro
Deolinda Pinheiro de Magalhães
Anna Espinosa Pinheiro (ausente)
Maria d'Oliveira Ferreira Cardoso de Faria
Bernardino José Ferreira Cardoso Guimarães
José Pinheiro
João Alberto Pinheiro (ausente)
Miguel Augusto Pinheiro
Antonio Maria Rebello e Magalhães
Torquato Ribeiro de Faria.

Bom emprego de capital

VENDE-SE uma boa propriedade situada no logar do Montinho, da freguezia de Santa Marinha da Costa, n'um dos arrebaldes mais apraziveis e hygienicos da cidade.

Dá bom rendimento e é de natureza allodial.

Para tractar na Rua Nova do Commercio, n.º 61 onde se dão todos os esclarecimentos.

EDITAL

(1.ª publicação)

JOSÉ Maria Gomes Alves, Secretário da Camara Municipal do Concelho de Guimarães, faz publico, que, tendo organizado em harmonia com a Lei as relações do recenseamento eleitoral, foram essas relações affixadas nas egrejas das respectivas freguezias e expostas a exame e reclamação na Secretaria da Camara Municipal desde 25 de março até 18 de abril das 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, e distribuidas a todos os Parochos e Regedores do Concelho; e serão distribuidas a todas as pessoas que as reclamarem.

E para que chegue ao conhecimento de todos e se não possa allegar ignorancia se fez este e outros de egual teor, que serão affixados nos logares publicos do costume.

Guimarães, 14 de Março de 1903.

O Secretario da Camara Municipal,

José Maria Gomes Alves

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 26 do proximo mez d'abril, ao meio dia, no Tribunal d'este Juizo, situado na rua das Lamellas, d'esta cidade, por virtude da execução de sentença, que Silvestre Gomes Teixeira, d'esta cidade, move contra Antonio José Coutinho da Fonseca e mulher Emilia Fernandes de Faria, e Manoel Vicente da Fonseca, da freguezia de Gonça, d'esta comarca, se tem de arrematar em hasta publica, uma junta de touros, avaliada na quantia de 100\$000 réis.

Uma egua preta, avaliada na quantia de 12\$000 réis.

Um porco de criação, avaliada na quantia de 5\$000 réis; e bem assim os seguintes predios a saber:

O Casal da Ribeira de Novaes, ou Terras do Ribeiro de Novaes, situado no logar do mesmo nome, na dita freguezia de Gonça, composto de casas para caseiros, com suas dependencias, eido, alpendre, eira, diversos campos e leiras de terra lavradia com arvores de vinho e fructa, dois moinhos com aguas proprias e diversas bouças de matto, incluindo parte da bouça da Tomada, e avaliada na quantia de reis 2:622\$000.

Uma morada de casas de um andar, com suas

dependencias, tendo nas tra- zeiras um terreno d'horta com ramada e arvores de vinho e fructa, situada no logar da Mina ou Estrada Nova, na mesma freguezia de Gonça, avaliada em 450\$000 réis.

Um terreno de cultura e matto chamado da Capella, situado no logar do Passo, na mesma freguezia de Gonça, e avaliada em 32\$000 réis.

A propriedade de Bernalda, situada no logar do Passo, na mesma freguezia de Gonça, composta de casas sobradadas, côrtes, eido, alpendre e eira, de duas leiras lavradias com arvores de vinho, e fructa a que chamam o «Pomar», e de terreno d'horta com arvores de vinho, tendo, do lado de fora do portal e defronte d'este, no caminho, uma oliveira, e dentro do portal, um tanque com agua, avaliada em 784\$840 réis.

Uma sorte de matto com carvalhos, no logar da Mina Alagada de Passos, situada no monte de S. Domingos, na mesma freguezia de Gonça, avaliada em 50\$000 réis.

Um terreno de matto com carvalhos e pinheiros, situado no logar da Ribeira de Novaes ou da Ribeira, na mesma freguezia de Gonça, avaliada em réis 120\$000.

Uma leira de matto denominada da Pedreira da Lagêda, situada nos limites da freguezia de Garfe, da comarca da Povoia de Lanhoso, avaliada em 40\$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados.

Guimarães, 11 de março de 1903.

Verifiquei, *S. Leal*

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos.

Declaração

Antonio José de Freitas, da casa do Asento, da freguezia de S. Torquato, faz publico que, por haver na sua freguezia outro individuo com o mesmo nome, desde hoje em diante, passa a usar o nome de Antonio Alves de Freitas Torres.

S. Torquato, 7 de fevereiro de 1903.

Antonio Alves de Freitas Torres

NOVO HOTEL CENTRAL

(ANTIGO HOTEL MINHO E DOURO)

SITUADO JUNTO AO ESCRIPTORIO DO SNR. COSIME

RUA DE SANTO ANTONIO

GUIMARÃES

Depois d'uma grande reforma geral a que o seu novo proprietario sujeitou este antigo e acreditado hotel, acaba de se reabrir sob o nome de

NOVO HOTEL CENTRAL

achando-se, por isso, nas melhores condições de limpeza, conforto e commodidade para o bom tratamento dos senhores hospedes.

Guimarães, 27 de Fevereiro de 1903

O PROPRIETARIO,

Custodio Ribeiro Cardoso

PÃO DELÓ DE MARGARIDE

Fabricado por *Leonor Rosa da Silva*—de Felgueiras

Recebe encomendas

Francisco José de Freitas

Aonde se encontra aseite fino de Moncorvo e Mirandella. Queijo da Serra e Flamengo etc,

Deposito da Companhia Vinicla

Rua da Rainha, 28—GUIMARÃES (Portada Villa)

Tambem alli encontrarão os seus numerosos freguezes: um ham e varrido sortimento dos seguintes generos que vende por preços excessivamente baratos: arroz, bacalhau, assucar, sabão (das fabricas do Porto), azeite de Trás-os-Montes, stearina, chá, café, e tudo mais que diz respeito a este ramo de negocio.

N'ESTE bem conhecido estabelecimento vende-se boga de sabugueiro de primeira qualidade, para per cor no vinho. Enxofre e sal. Sementes de hortaliças de todas as qualidades.

POLVORA DO ESTADO
Agente da companhia de seguros contra fogo a PORTUENSE

E

17—Rua de Damasco—19 e 21

(ANTIGA CASA SEQUEIRA)

GUIMARÃES

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

DEPOSITO

MERCERIA

Caminho de Ferro de Guimarães

HORARIO DOS COMBOYS DESDE 1 DE NOVEMBRO

COMBOIOS DESCENDENTES

N.º 2—Misto—Parte de Guimarães ás 5,15 da manhã e chega á Trofa ás 6,50. Corresponde directamente ao comboio n.º 2 do Minho que parte da Trofa ás 7,15 e chega ao Porto ás 8, 28 da manhã.

N.º 10—Misto—Parte de Guimarães ás 7 da manhã e chega á Trofa ás 9.

N.º 4—Misto—Parte de Guimarães ás 11,51 da manhã, chegando á Trofa á 1,26 da tarde. Corresponde na Trofa com o comboio n.º 3 do Minho para Braga, Valença e Povoia com o comboio n.º 4 do Minho que chega ao Porto ás 2,47 da tarde.

N.º 6—Correio—Parte de Guimarães ás 4 da tarde e chega á Trofa ás 5,35. Corresponde com o comboio n.º 6 do Minho que chega ao Porto ás 7,5 da noite e com o comboio n.º 5 para Valença, Braga e Povoia.

COMBOIOS ASCENDENTES

N.º 7—Misto—(mercadorias)— Parte da Trofa ás 7,48 da manhã e chega a Guimarães ás 9,30. Corresponde na Trofa com o comboio n.º 7 da linha do Minho, que parte do Porto ás 5,55 da manhã e com o comboio procedente de Valença, Braga e Vianna.

N.º 1—Correio—Parte da Trofa ás 9,50 da manhã e chega a Guimarães ás 11,1. Corresponde ao comboio n.º 1 do Minho, que parte do Porto ás 8,15 da manhã e chega á Trofa ás 9,21.

N.º 3—Misto—Domingos e dias sanctificados—Parte da Trofa á 1,53 da tarde e chega a Guimarães ás 3,11. Corresponde na Trofa com o comboio n.º 3 do Minho, que parte do Porto ás 11,20 da manhã e com o n.º 4 procedente de Valença, Braga e Povoia.

N.º 9—Misto—Dias uteis—Parte da Trofa ás 5,25 da tarde e chega a Guimarães ás 6,50. Corresponde ao comboio n.º 9 do Minho, que parte do Porto ás 4,20 da tarde.

N.º 5—Misto—Parte da Trofa ás 7,22 da noite e chega a Guimarães, ás 8,58. Corresponde ao comboio n.º 5 do Minho que parte do Porto ás 5,45 da tarde.

Todos os outros comboios aqui não mencionados e que faziam parte do horario em vigor até 31 do mez d'outubro findo, foram suprimidos.

Dinheiro a juro

A Irmandade das Almas, de Creixomil, dá a juros, por escriptura publica, com hypotheca, a quantia de 500\$000 réis.

500\$000 REIS

Quem pretender esta quantia a juro com hypotheca pode dirigir-se á typographia d'este jornal.

Manteiga de Cambra

Ao estabelecimento de merceria do acreditado negociante d'esta praça, sr. Domingos Pereira Mendes, ao Campo do Toural, chegou a afamada manteiga da Fabrica de Lacticinios do Valle de Cambra.

Esta deliciosa manteiga, dum sabor especial e d'um aspecto muito agradável, foi ha pouco analysada no Laboratorio do Instituto Central de Higiene e na conclusão da analyse a que foi submettida reconheceu-se que era MANTEIGA PURA, propria para consumo.

O sr. Pereira Mendes é o unico depositario d'esta manteiga em Guimarães.